

## Curto esboço sobre o método de escolha da obra na análise literária em Ciências Sociais

Rodrigo Estramanho de Almeida\*

*O método da interpretação de textos deixa à discrição do intérprete um certo campo de ação: pode escolher e dar ênfase como preferir. Contudo, aquilo que afirma deve ser encontrável no texto. (AUERBACH, 2011, p.501)*

A citação, extraída do epílogo de Mimeses<sup>1</sup> de Auerbach anima reflexão fundamental quanto ao problema do método de escolha da obra em análise literária. De certo este problema constitui ponto fundamental de demora e reflexão quando da utilização de textos literários como objetos das empreitadas de pesquisa em Ciências Sociais.

Ora, não é tarefa fácil ao estudante ou ao pesquisador experiente a explanação de três justificativas deveras consideradas fundamentais em projetos de pesquisa do tipo, quais sejam: a) a justificativa de porque escolher este e não aquele outro autor; b) a justificativa da escolha deste e não daquele texto do autor escolhido; c) a justificativa – esta aparentemente de monta – da escolha do texto literário como objeto de pesquisa para uma dada problematização.

Tomemos por exemplo uma situação hipotética em que o problema de pesquisa esteja voltado à considerações sobre o pensamento político conservador em idos do período do Império brasileiro (1822-1889). O pesquisador poderá deitar a análise, por exemplo, – pelo que parece mais imediatamente natural – na teoria política de Visconde do Uruguai no seu *Ensaio sobre o Direito Administrativo no Brasil* (1862). Isto porque o nome e a obra de Uruguai está sobejamente identificada em manuais sobre política brasileira como uma das que mais diretamente corresponde ao pensamento político conservador no período. O arguto pesquisador, no entanto, quase sempre se incomoda justamente com este fato: é recorrente a citação de Uruguai quando do mapeamento do conservadorismo no Império. Daí que o pesquisador faz-se a pergunta: faz sentido

---

\* Professor da FESPSP e pesquisador do NEAMP é Doutorando em Ciências Sociais – PUC/Sp.

<sup>1</sup> AUERBACH. Mimeses. São Paulo: Perspectiva, 2011.

voltar-se a algo tão sobejamente explorado? Ao aprofundar sua pesquisa sobre o período em busca de objeto mais exótico e, por assim dizer “menos batido” encontra uma dezena de tratados políticos de conservadores importantes também sobejamente estudados. Esmiuçando um pouco mais encontra entre essas dezenas de tratados um menos estudado que se intitula *O Sistema Representativo*, escrito em 1868 por José de Alencar. O mesmo Alencar romancista reconhecidamente dos mais importantes, mas que não aparece tanto enquanto autor de política. Aqui está pronta a justificativa do tipo (a): autor renomado e um de seus escritos, entre tantos, diferenciado.

O pesquisador então, ao realizar levantamento sobre a recepção da obra (etapa importante para bem completar a justificativa de tipo (a) e proceder as demais) percebe que *O Sistema Representativo* nem é referido na bibliografia onde fulguram os conhecidos e constantemente reimpressos romances de Alencar. Aqui a justificativa do tipo (c) está pronta: *O Sistema Representativo* não é representativo da obra de Alencar. A leitura deste em comparação com um outro seu romance como *O Gaúcho* (1870) pode acender questão importante: o Alencar de *O Sistema Representativo* realizava algo deste último, enquanto uma certa maneira de pensar personagens e situações em seus romances, tal como *O Gaúcho*?

Destarte, a questão da escolha do texto pela preferência no campo de ação proposto por Auerbach pode ser resolvido de forma mais modelada ao mandamento do cânone de pesquisa: pode-se justificar, a escolha de uma obra literária em Ciências Sociais, mais pelo trajeto próprio da pesquisa do que simplesmente pelo campo de ação aleatório da preferência. Note-se que o percurso *grosso modo* percorrido para a justificativa tende a criar as entradas para melhor construir o objeto e relacioná-lo com um campo mais amplo de pesquisa. A leitura interna posterior ficará mais embasada e o pesquisador, por isso mesmo, mais protegido quanto às justificativas de sua escolha.

De todo modo, a resolução dos pontos (a) e (c), nos leva a pensar, direta e retrospectivamente, o ponto (b). Uma vez que a obra de José de Alencar é o conjunto escolhido para tratar do pensamento conservador no Império, qual e como selecionar o texto de Alencar a ser abordado? Uma vez que a obra literária do autor (justificada pela repercussão crítica e/ou de mercado) é a selecionada e mesmo que se mantenha a obra política como acessório para as discussões, como justificar a escolha, em se tratando do

mesmo autor, por exemplo, de *O Guarani* (1857) e não de *Minas de Prata* (1865) ou *Lucíola* (1862)?

Neste caso, um caminho natural e muitas vezes arduamente utilizado é voltar-se à totalidade das obras do autor, pois, aparentemente, ao derribar a leitura de toda a produção do escritor escolhido poder-se-á compará-las entre si e, então, selecionar aquela que parece mais substancial. Parece-nos que mais uma vez, não obstante a monta do trabalho, “um certo campo de ação” está sendo utilizado para a criação da justificativa. Tendemos a propor, para a resolução deste problema, caminho inverso ao traçado para a justificativa de tipo (a), pois recorrendo à fortuna crítica do conjunto da obra não será difícil mapear aquela obra que é a mais comentada e repercutida e, portanto, a mais conhecida e de mais importância ao leitor interessado na - às vezes - aparentemente insólita tarefa da crítica literária.

Daí pra frente, contudo, aquilo que se afirmar deverá, concordamos com Auerbach, ser encontrável no texto.